

CHUVAS NO RS

A trajetória diária da catástrofe

FLAVIA BEMFICA

Antes de as chuvas começarem a atingir com força o RS, em 27 de abril, diferentes órgãos de acompanhamento das condições meteorológicas e seus riscos haviam emitido alertas de eventos extremos. Ninguém, contudo, imaginava que eles se transformariam em uma catástrofe sem precedentes. Veja, a seguir, o histórico do que aconteceu nestes primeiros 20 dias da emergência climática que assola o Estado, e como ela escalou rapidamente.

LINHA DO TEMPO

■ 27 de abril - sábado

Começa a chover forte em diversas regiões do Estado. Inicialmente, os temporais atingem com mais força, de novo, cidades do Vale do Rio Pardo, como Santa Cruz do Sul, onde é registrada queda de granizo, Vera Cruz e Candelária. Em municípios da Fronteira Oeste, como Quaraí, são registrados também altos volumes de precipitações. A Defesa Civil de Porto Alegre emite alerta preventivo para chuvas intensas.

■ 28 de abril - domingo

Chuvas e ventos fortes continuam a atingir o RS. Entre as cidades mais afetadas estão Lajeado, Estrela, Muçum e Roca Sales, no Vale do Taquari. Na região, parte dos municípios já tinha sido devastada pelas águas em setembro e novembro. São registrados altos volumes de chuvas na região Metropolitana e no Vale dos Sinos. O mesmo ocorre em parte do Sul, na área de Jaguarão e Arroio Grande. O número de casas alagadas ou submersas, construções com risco de desabamento, ruas inundadas, avarias na rede elétrica e de abastecimento de água, se multiplica.

■ 29 de abril - segunda-feira

A chuva não dá trégua e os estragos se ampliam para quase todo o Estado. As precipitações castigam com força as regiões dos Campos de Cima da Serra e da Serra. Em Gramado e Canela, há alagamentos. Em Caxias do Sul e Carlos Barbosa, arroios começam a ultrapassar seus leitos. Em rodovias da região, como as BRs 116 e 470, a água inunda trechos e os riscos de deslizamentos obrigam interdições. São registradas avarias em construções de maior porte, como hospitais e escolas. No Vale do Rio Pardo, os transtornos aumentam. Em Porto Alegre, o mau tempo faz com que o céu escureça antes do habitual.

■ 30 de abril - terça-feira

A partir deste dia, a situação se agrava rapidamente. O Estado contabiliza seus primeiros mortos, feridos e desaparecidos. Na região Central, a UFSM suspende atividades em Santa Maria e em Cachoeira do Sul. O mesmo ocorre com o hospital universitário. A área rural de Candelária fica isolada. Rodovias estaduais e federais apresentam bloqueios totais e parciais. Começam a ocorrer interrupções em serviços de energia elétrica, telefo-



RICARDO GIUSTI

nia e internet, e desabastecimento de água. Na BR 290, em Eldorado do Sul, parte do asfalto é levada pela chuva. Em Porto Alegre, há comprometimento de serviços de educação e saúde, e um trecho da ciclovia da avenida Ipiranga volta a ceder. A Capital monta os primeiros abrigos para desalojados. As águas espalham destruição pelo Vale do Caí, no Paranhana, e na Região Metropolitana. Uma imagem chocante: em Santa Tereza, na Serra, a ponte sobre o arroio Barramansa é arrastada pelas águas no mesmo momento em que a prefeitura grava um vídeo no local para alertar sobre o perigo das chuvas.

■ 1º de Maio - quarta-feira

Os eventos extremos alcançam a condição de tragédia. O RS conta 10 mortos, 21 desaparecidos e 4.500 desalojados. No Vale do Taquari, cidades ficam parcial ou totalmente isoladas. O governo decreta calamidade pública em todo o território gaúcho e suspende aulas na rede estadual. O governador pede que a população de 48 cidades que vive perto de rios, morros, encostas e outras áreas de risco, deixe suas casas. Na RS 122, em São Vendelino, um deslizamento atinge quatro veículos. Em Caxias do Sul a única ligação por terra com a Capital que ainda não estava interditada, a RS 453, precisa ser fechada após o rompimento de uma adutora. Na serra do rio das Antas, 200 pessoas são resgatadas após uma queda de barreira, entre Bento Gonçalves e Veranópolis. Alagamentos tomam conta de Guaporé, na Serra. Deslizamentos, soterramento de casas, inundações e evacuações de áreas se multiplicam em grandes cidades do Vale do Taquari e do Vale do Rio Pardo, onde a água cobre bairros inteiros. As águas sobem na Fronteira Oeste e os pontos de bloqueios em rodovias passam dos 100. Centenas de milhares de consumidores enfrentam falta de energia ou água, ou ambos. O número de apelos por resgates cresce sem parar.

■ 2 de Maio - quinta-feira

O RS contabiliza 29 mortos, 60 desaparecidos e 15.000 fora de casa depois de, em menos de uma semana, um terço da chuva esperada para todo o ano cair sobre o Estado. Em Santa Maria, mãe e filha morrem soterradas. Em Lajeado,

moradores passam a se locomover de barco após o rio Taquari deixar a cidade submersa. A histórica ponte de ferro entre a maior cidade do Vale do Taquari e a vizinha Arroio do Meio é levada pelas águas. O rompimento parcial da barragem 14 de Julho, no Rio das Antas, entre Bento Gonçalves e Cotiporã, na Serra, gera pânico na população. As cenas de pessoas ilhadas em telhados aguardando por socorro se multiplicam, mas a intensidade das chuvas dificulta os resgates. As águas passam a atingir com força Eldorado do Sul. Na Capital, a água invade a região das Ilhas. A prefeitura determina o fechamento das comportas do Guaíba, que alcança os 3,29 metros à noite, ultrapassando a cota de inundação. Os trechos 1 e 3 da orla e a faixa de areia da praia de Ipanema, na zona Sul, são tomados pelas águas. A Defesa Civil emite alerta de inundação para moradores da parte baixa do Centro Histórico e do 4º Distrito. O Trensurb suspende a operação entre parte das estações, devido a alagamentos nos trilhos. A água segue subindo no Paranhana e no Vale do Caí. Deixa milhares ilhados em Maquiné, no Litoral. O desabastecimento de água, alimentos, combustíveis e gás se intensifica pelo RS. Deslizamentos ocorrem em toda a Serra. Em Caxias, são feitas evacuações devido ao risco de rompimento de uma barragem. O problema é contido após ser acionado mecanismo de escoamento.

■ 3 de Maio - sexta-feira

Porto Alegre se transforma no epicentro da tragédia climática do RS. As águas começam a invadir o Centro da cidade na madrugada. Alagam prédios históricos e algumas das principais avenidas. Avançam sobre o Mercado Público, a Casa de Cultura, os arredores da prefeitura e a Estação Rodoviária, que paralisa suas operações. Moradores, trabalhadores e comerciantes do entorno das avenidas Júlio de Castilhos, Siqueira Campos e Sete de Setembro, e da Rua dos Andradas, assistem, incrédulos, a correnteza das águas, e são orientados a deixar o Centro. Uma casa de bombas próxima a comporta 3 transborda, aumentando a inundação. Horas depois, o portão 14, na zona Norte, se rompe parcialmente, alargando o caminho para as águas, que se-

guem pela Voluntários da Pátria e pela Sertório. Uma procissão de retirantes a pé ou em carros tenta deixar as regiões. À noite, o Guaíba alcança 4,77 metros. Já é a maior enchente da história da Capital. A emergência climática do RS passa a dominar o noticiário do país.

■ 4 de maio - sábado

Em Porto Alegre, a água está por toda a parte nas regiões que dão acesso ao Guaíba. Na Praça da Alfândega. No entorno da Arena do Grêmio. E no do estádio Beira Rio. Invade o CT do Parque Gigante. O hospital Mãe de Deus começa a transferir pacientes em função do alagamento na avenida José de Alencar. O Guaíba alcança os 5,19 metros. Parte do asfalto da avenida Castelo Branco, um dos principais acessos, cede. A força da água leva parte do asfalto, deixando um enorme buraco na pista. A via é interrompida no sentido interior-capital, com bloqueio próximo da BR 290, a freeway. A pista contrária fica liberada apenas para acesso de autoridades. Nas cidades vizinhas, o rio dos Sinos ultrapassa as marcas registradas nas enchentes de 1941 e 1965. Eldorado do Sul submerge totalmente: 90% da cidade fica embaixo da água. O mesmo acontece com 60% da área de Canoas, terceira maior cidade do Estado, atingida pelo Sinos e pelo Jacuí. No cenário de destruição, o som que se sobressai é o de sirenes e helicópteros. As aeronaves e embarcações agora são o meio de transporte e a esperança dos que aguardam por resgate nas cidades da região Metropolitana.

■ 5 de maio - domingo

A chuva faz uma trégua e o sol brilha em Porto Alegre, mas o cenário é desolador. Os alagamentos não recuam na Capital, onde 67 bairros enfrentam desabastecimento de água por causa da inoperância de quatro das seis estações de tratamento. É difícil encontrar água mineral e diferentes gêneros em supermercados. O prefeito aconselha quem tem condições a migrar para o Litoral e, lá, aguardar a situação melhorar. O Guaíba atinge a que seria sua maior marca dentro dos primeiros 20 dias da catástrofe climática: 5,33 metros. Informações desencontradas sobre o rompimento ou extravasamento de um dique de contenção do Arroio Feijó, na zona Norte, geram desespero na população de todo o entorno. No meio da tarde, o Departamento Municipal de Águas e Esgotos (Dmae) faz um alerta de que a região pode ser inundada a qualquer momento e diz que é urgente que todos os moradores do bairro Sarandi deixem suas casas. O bairro é um dos maiores da Capital, e tem uma população aproximada de 91 mil habitantes.

■ 6 de maio - segunda-feira

Novo golpe para a Capital: águas turvas alagam partes de mais dois bairros tradicionais da região Central, o Menino Deus e a Cidade Baixa.



RICARDO GIUSTI

CHUVAS NO RS

climática no Rio Grande do Sul

Não chove, mas falhas e desligamentos das casas de bombeamento de águas pluviais em função de riscos de choque elétrico impedem o escoamento. Só quatro das 23 bombas estão em funcionamento. A prefeitura evacua os dois bairros. À noite, as condições geram um cenário assustador. Além das ruas alagadas, falta luz tanto em parte do Menino Deus como da Cidade Baixa. Cinco das seis estações de tratamento de água da Capital também estão desligadas. Uma delas, a das Ilhas, foi destruída. As estimativas oficiais indicam que 85% da população da Capital enfrenta problemas de desabastecimento. É difícil encontrar água potável. O bairro Humaitá, na zona Norte, fica isolado. O dique no Sarandi extravasa completamente. O nível do Guaíba está em 5,26 metros. Milhares tentam sair da Capital. A RS 118, que, em função das interdições de outras rodovias, concentra o trânsito de saída e chegada à cidade, registra congestionamentos intermináveis. A Fraport, responsável pelo Salgado Filho, suspende as operações do aeroporto internacional. As águas tomam um trecho considerável da pista, e castigam o andar térreo, com equipamentos como poltronas, esteiras e balanças parcialmente submersos. Os pedidos de socorro não param. Centenas de embarcações de voluntários auxiliam nos resgates em Porto Alegre e região. Enquanto isso, a Lagoa dos Patos começa a registrar elevação. E, no Norte, cidades como Soledade e Espumoso, tentam dar início a trabalhos de limpeza e reconstrução. Os efeitos da mudança climática sobre o RS são noticiados pelos principais sites e jornais internacionais.

■ 7 de maio – terça-feira
Há quase 208 mil pessoas fora de casa no Estado, cerca de 50 mil em abrigos. No total, 1,5 milhão de gaúchos são afetados diretamente; 401 dos 497 municípios relatam algum tipo de problema em função das chuvas. Mortos são 95. Apesar da trégua nas precipitações, diferentes serviços meteorológicos alertam para o retorno de mais chuva nos dias seguintes. E frio. Em Porto Alegre, o Guaíba alcança os 5,28 metros. Um jacaré de pequeno porte circula pelas ruas alagadas do Menino Deus, tomadas agora pela circulação de botes e jet skis. A água, em vários pontos, bate no peito daqueles que se arriscam a caminhar por algumas das principais vias do bairro, como a Getúlio Vargas e a Botafogo. A prefeitura informa que a cidade está estocando mais de seis toneladas de lixo, em função das dificuldades de transporte e logística. Na região Sul do Estado, a Lagoa dos Patos sobe, e há alagamentos em Pelotas e Rio Grande.

■ 8 de maio – quarta-feira
Em Porto Alegre, para além do Centro, as águas seguem ocupando

vias inteiras de bairros como São Geraldo, Navegantes, São João e Humaitá. Apontam na avenida Benjamin Constant, no São João, nas proximidades do Floresta, em área que está a pelo menos 13 quadras do Guaíba. Nesta região, o terminal de ônibus sob o viaduto José Eduardo Utzig se transforma em um ponto de acolhimento de quem é resgatado ou precisa sair de casa. Muitos optam por permanecer ali, próximos aos locais onde antes moravam, na tentativa de vigiar residências e pontos de comércio, porque saques e assaltos em locais abandonados e atingidos pelas águas começam a se tornar uma rotina. Para reforçar a segurança, a Força Nacional envia as primeiras tropas ao Estado.

■ 9 de maio – quinta-feira
Além de saques e assaltos, a catástrofe climática vem acompanhada de relatos de abusos sexuais em abrigos e golpes de todos os tipos pelo Estado: para doações de itens e valores, para transferências via pix, para salvamentos pagos, para abastecimento de água potável por caminhões-pipa. Proliferam também as notícias falsas, que atrapalham a todos. A sucessão de tragédias, contudo, é contrabalançada pela atuação de um contingente ainda não contabilizado de voluntários, que atuam em todas as frentes, dos resgates aos abrigos, passando pelo recolhimento de itens, o preparo de alimentos e o auxílio psicológico. Apesar de as águas invadirem ruas de cidades do Sul, como Rio Grande, há também sinais de recuperação. Em Porto Alegre, o terminal na avenida Antônio de Carvalho, no bairro Agronomia, passa a funcionar como rodoviária substituta. E um fato em Canoas dá alento aos milhares que perderam quase tudo: o resgate do cavalo Caramelo. O animal ficou quatro dias ilhado em um telhado no bairro Mathias Velho antes de ser salvo. O final feliz da história acaba se transformando em símbolo de resistência e esperança para os gaúchos. O Guaíba recua para marca abaixo dos 5m.

■ 10 de maio – sexta-feira
Na Capital, um corredor de acesso, 'humanitário', é construído pela Castelo Branco e o Túnel da Conceição, nas proximidades da Rodoviária. O objetivo é garantir a chegada

de caminhões, veículos de emergência e donativos à Capital, e desafogar a RS 118, onde os engarrafamentos seguem uma constante. Para a confecção do caminho provisório, foi preciso demolir a passarela de pedestres sobre a rua da Conceição, mas a destruição da estrutura é considerada mínima quando comparada aos benefícios proporcionados no momento de calamidade. O desabastecimento de água, porém, segue afetando partes da Capital. E fatias do Centro, da área central na qual se incluem Menino Deus e Cidade Baixa, e de uma sequência de bairros da zona Norte, continuam alagadas. O nível do Guaíba desce para 4,74m, mas voltou a chover. Eldorado do Sul, que tinha 40 mil habitantes, se transforma em cidade fantasma. E em Canoas, agora o número de abrigos para refugiados já é maior que o de escolas de Ensino Fundamental.

■ 11 de maio – sábado
A chuva se espalha por diversas regiões, e o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) emite alerta de risco muito alto para eventos geo-hidrológicos. O número de pessoas afetadas ultrapassa os dois milhões, o que equivale a 20% da população do RS. São contabilizadas 136 mortes. Há 125 desaparecidos, 806 feridos e 537 mil desalojados. Conforme dados da Defesa Civil, quase 75 mil pessoas, e 10 mil animais, foram resgatados desde o início das operações. O maior navio de guerra da América Latina, e principal equipamento da marinha brasileira, o Navio Aeródromo Multipropósito Atlântico (NAM), atraca no porto de Rio Grande, no Sul do Estado. Com 208 metros de comprimento, terá missão humanitária, auxiliando em operações de resgate e no transporte de suprimentos. Juntamente com o NAM, chega a Fragata Defensora, com os mesmos objetivos. Juntas, as duas embarcações da Marinha trouxeram 154 toneladas de doações, suprimentos como água mineral, arroz e feijão, duas estações móveis de tratamento de água, viaturas e embarcações menores. Suas tripulações somam 1.350 homens.

■ 12 de maio – domingo
A Defesa Civil emite alertas de mais inundações nos vales do Caí e



RICARDO GIUSTI

do Taquari. Os dois cursos d'água, além do rio das Antas, alcançam novamente suas cotas de inundação. Chove forte e de forma contínua na Serra e no Norte, regiões de cabeceiras do Taquari, Jacuí, Caí e Sinos. O receio, em todo o Estado, é pelo repique nos níveis dos rios. Em Caxias do Sul, a chuva faz ceder parte da ponte sobre o rio Caí, que liga a cidade a Nova Petrópolis. Em outra área do município, um deslizamento de terra mata um servidor público que atuava em obras de recuperação dos estragos causados pelas precipitações. Em Porto Alegre, começam a funcionar três abrigos exclusivos para mulheres e crianças. O Guaíba sobe 10 centímetros do sábado para o domingo. Em Roca Sales e Muçum, já destruídas, o Taquari sobe 60 centímetros em uma hora. Em Lajeado, ruas voltam a ficar inundadas. Em Rio Grande são registrados mais alagamentos. E, em Canoas, há novo alerta de evacuação para sete bairros.

■ 13 de maio – segunda-feira
A prefeitura de Porto Alegre projeta a construção de uma cidade provisória no Porto Seco, com capacidade para 10 mil pessoas. Barricadas são erguidas na Capital, na tentativa de conter um novo avanço do Guaíba, que volta a superar a marca dos cinco metros. Uma parte do bairro Lami, na zona Sul da Capital, onde falta água, luz e sinal de internet, precisa ser evacuada após a água inundar toda a orla e alcançar parte das residências. A estação de bombeamento de água pluvial na Rótula das Cuias é religada parcialmente, o que deve auxiliar na diminuição dos alagamentos no Menino Deus e na Cidade Baixa. O número de casas de bombas de água pluvial em funcionamento passa assim para oito (de um total de 23). Em Caxias do Sul, no bairro Galópolis, onde sete pessoas já morreram, são feitas novas evacuações. Agora são ali 200 famílias deslocadas devido ao risco de deslizamentos causados por fissuras em morros e encostas. Mesmo com a continuidade das operações de emergência e salvamento, e apesar de as águas seguirem inundando cidades, governantes começam a ser cobrados por ações concretas de planejamento, prevenção e mitigação das mudanças climáticas e seus efeitos. O Executivo gaúcho

promete para os próximos dias a apresentação de um plano de reconstrução do Estado.

■ 14 de maio – terça-feira
Em Porto Alegre, a Estação de Tratamento do Moinhos de Vento, que abastece 150 mil unidades de 21 bairros, chega ao 11º dia fora de operação. O Guaíba alcança os 5,25m e, no Centro, onde as águas seguem dominando parte das vias, o mau cheiro e a circulação de roedores se intensifica. A empresa que administra o Salgado Filho encaminha a extensão da suspensão das atividades do aeroporto até setembro. Por causa da tragédia, o INSS mantém agências fechadas em 11 cidades, entre elas Porto Alegre. Uma passarela flutuante é instalada entre as cidades de Lajeado e Arroio do Meio, como alternativa para a ponte que caiu. As cidades do Vale do Taquari estão tomadas pela lama, e tentam mais uma vez dar início à limpeza. A chuva dá uma trégua, mas o frio é considerado um novo desafio na manutenção de abrigos. O governo federal decide nomear um ministro extraordinário para a Reconstrução do RS, que fica com o gaúcho Paulo Pimenta, titular da Secom.

■ 15 de maio – quarta-feira
O presidente Lula volta pela terceira vez ao RS para acompanhar a tragédia climática e anuncia novas medidas de auxílio. Em Porto Alegre, a estação de tratamento Moinhos de Vento finalmente é religada, e o abastecimento deve ser normalizado gradativamente nos 21 bairros afetados. Em alguns locais, mais altos, contudo, a água talvez retorne só na sexta-feira. Após uma série de tratativas entre o governo federal e a Fraport, a Base Aérea de Canoas estará apta para receber voos comerciais a partir de 20 de maio. A água recua no Menino Deus e Cidade Baixa e o hospital Mãe de Deus projeta retomar os atendimentos até o final do mês. Os rios Taquari, Caí e Gravataí apresentam queda em seus níveis, e o Sinos tem estabilidade. O Guaíba também se mantém estável, em 5,18 m. Os alagamentos não dão trégua no Sarandi. E pontos históricos do Centro, como a Praça da Alfândega, seguem parcialmente embaixo d'água. A Defesa Civil contabiliza 149 mortos, 108 desaparecidos e 538 mil desalojados.



RICARDO GIUSTI



grupoahora.net.br

AHORA

ANÁLISE, CURADORIA E OPINIÃO DE VALOR

Quinta-feira,
16 maio 2024
Ano 21 - Nº 3567
Edição digital



FELIPE NETZKE

GOVERNO ANUNCIA AUXÍLIO DE R\$ 5,1 MIL

Valor será depositado em parcela única a atingidos pelos desastres naturais no RS. Ao todo, União estima repassar mais de R\$ 1,2 bilhão com o Vale Reconstrução.

PÁGINA | 5

MOBILIZAÇÃO

Circuito dos Vales prepara ação solidária

A segunda etapa do ano, marcada para domingo, 19, troca a corrida por uma ação voluntária e reúne atletas para limpar as cidades mais atingidas pelos temporais no Vale do Taquari. Mais de 150 pessoas são esperadas.

PÁGINA | 2



ARQUIVO/FOCO RADICAL



OPINIÃO
RODRIGO
MARTINI

Preparo e resiliência
por meio da educação



OPINIÃO
THIAGO
MAURIQUE

FB Net e os desafios para
restabelecer conexões

ÁGUA EM ESTRELA

Corsan/Aegea apresenta plano para garantir abastecimento

Companhia promete perfurar poços artesianos em áreas não alagáveis. Moradores de alguns bairros estão há 15 dias sem água. Serviço desde ser normalizado nesta quinta-feira, 16.

PÁGINA | 3

DESLIZAMENTOS

Grupo analisa áreas de risco no Vale

Técnicos e especialistas da região formam equipe voluntária para ampliar estudos e elaborar mapa geológico regional

Os movimentos de massa, como deslizamentos, queda de rochas e afundamento de solo, acontecem com mais frequência quando há chuvas por longos períodos. Durante a catástrofe do início de maio, filmagens em encostas dos morros assustaram a comunidade. De-

vido aos terrenos acidentados da região, existe a chance de mais episódios do gênero. Com a falta de informações dos pontos críticos, Univates e o Estado lançam programa para inscrever voluntários. Primeiro encontro ocorreu na tarde de ontem.

PÁGINA | 3

Opiniãoanálise

Movimento “Água até Aqui”



rodrigomartini@grupoahora.net.br

RODRIGO MARTINI

Voluntariado ou politicagem?

Não pensem que os olhos da fiscalização estão fechados. Pelo contrário. E mais. As próprias redes sociais registram tudo que se passa nos bairros mais periféricos. Portanto, um alerta aos dedicados e voluntariosos agentes políticos: a entrega, em mãos, dos mantimentos (especialmente as doações já registradas em pontos de distribuição, como os colchões, por exemplo) para a população mais carente e afetada não pode servir de palanque eleitoral. Afinal, até o oportunismo tem limite.

Documentos perdidos

O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul iniciou o programa “Recomeçar é Preciso!”, uma ação emergencial para a recuperação de documentos em diversos locais do Estado. O programa é resultado de uma parceria entre a Presidência do TJRS, a Corregedoria-Geral da Justiça, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), os Registradores Cíveis do RS e o Comitê Gestor do Plano Social da Secretaria Estadual da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, o Ministério Público do Estado e a Defensoria Pública do Estado. Conta também com o apoio da Polícia Federal, da OIM (Agência de Migração da ONU), Tribunal Regional Eleitoral (TRE-RS) e do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. E tal movimento já iniciou, também, no Vale do Taquari.

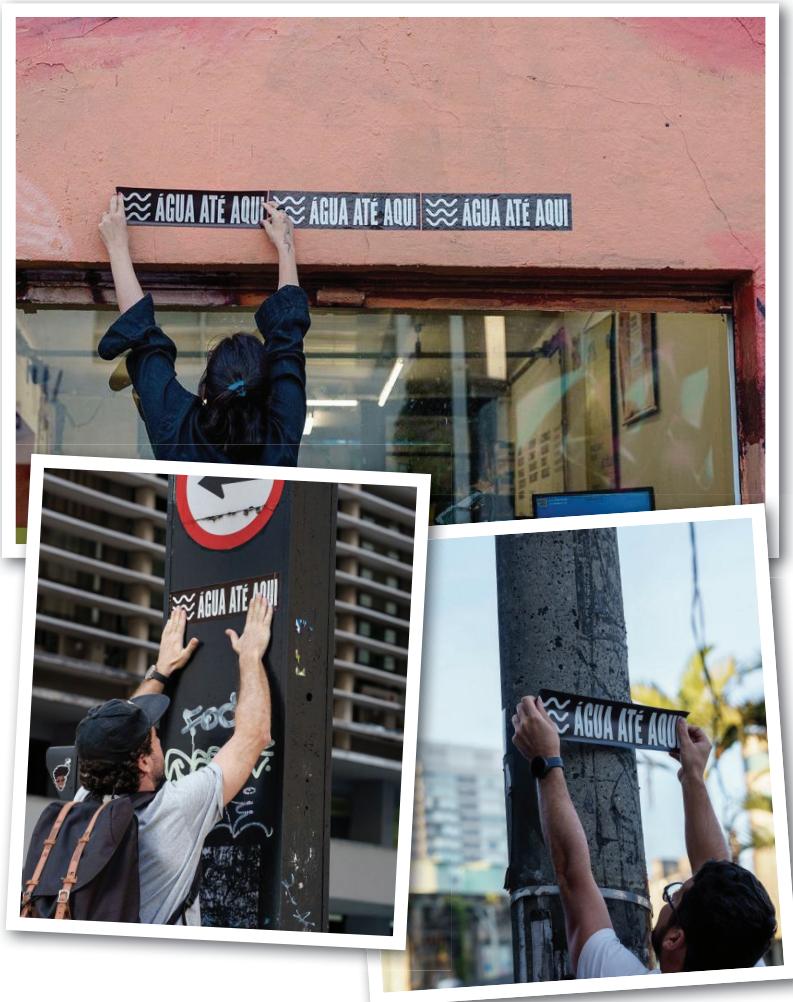
TIRO CURTO



- Na câmara legislativa lajeadense, o vereador Isidoro Fornari (PP) assina requerimento para solicitar ao Executivo um projeto de lei “com o objetivo de conceder isenção do Imposto Sobre Serviços (ISS) sobre a execução e operações nos serviços prestados pelas empresas na construção da nova ponte de ferro, entre a cidade de Lajeado e Arroio do Meio”.
- Já a vereadora Ana da Apama (PP) assina dois requerimentos para reconstruir a cidade. Além de pedir que o governo municipal venda ou leiloe parte dos imóveis de propriedade do município para arrecadar fundos, ela sugere a “aplicação imediata” do superavit financeiro para as ações de reconstrução e auxílio aos atingidos pela enchente.
- Redes de postos de combustível anunciaram, na terça-feira, o aumento de R\$ 0,10 no preço do óleo diesel em todo o Rio Grande do Sul. Diante da repercussão negativa nos meios político e empresarial, eles voltaram atrás e reajustaram os preços para baixo. Menos mal. Afinal, o momento ainda é inapropriado.
- Além da campanha Juntos Pela Ponte, referente à estrutura entre Arroio do Meio e Lajeado, empresários e agentes públicos também organizam a Comissão Pró-Reconstrução para reerguer outra ponte sobre o Rio Forqueta, entre Marques de Souza e Travesseiro.
- A região baixa do Vale do Taquari já não possui tantos problemas de logística. Pouco a pouco e a BR-386 vai retomando a normalidade. Já na região baixa, a inércia do Estado para garantir melhores condições à ERS-129 vai resultar em um prejuízo colossal e muito (mas muito mesmo) superior aos valores necessários à pavimentação do trecho entre Colinas e Roca Sales. É uma pena!

A “papelocracia” já impera

A reconstrução da Ponte de Ferro entre Lajeado e Arroio do Meio já conta com R\$ 6,7 milhões do governo federal, e ao menos R\$ 2,5 milhões em emendas de deputados federais. Além disso, a campanha Juntos Pela Ponte segue a pleno vapor e as doações já estão próximas do primeiro milhão. Mesmo assim, os agentes públicos e empresários da região engajados no movimento demonstram muita preocupação com um possível, antigo e indigesto entrave: a burocracia. Nessa terça-feira, por exemplo, o Secretário Nacional de Defesa Civil Wolnei Wolff chegou ao Vale do Taquari em uma imponente aeronave para anunciar que a União vai exigir um estudo hidrológico para autorizar o repasse de recursos. Ou seja, e para o bem ou para o mal, a burocracia já impera.



A educação visual salva vidas e precisa estar presente em todas as cidades impactadas pelas enchentes e inundações. E não faltam iniciativas populares para inspirar a comunidade do Vale do Taquari. Entre essas, destaco o coletivo “Água até Aqui”, em movimentação no Estado de São Paulo. Por lá, um grupo de profissionais da área da comunicação

iniciou um importante movimento de conscientização na principal avenida da capital paulista. Os adesivos alertam para os riscos da inundação e teriam um papel fundamental na educação comunitária da nossa região. É suficiente? Claro que não. Além disso, é preciso aprimorar a educação junto às comunidades e estudantes. Mas é uma iniciativa barata, lúdica, simples e de fácil implantação.

Burocracia até para a limpeza

Chefe do Executivo de Estrela, Elmar Schneider (MDB) está incomodado com a burocracia imposta para a limpeza da cidade. Eu explico. Representantes do governo estadual ameaçam não custear os serviços de recolhimento das toneladas de sujeira e entulhos caso o governo municipal não respeite alguns critérios. Entre esses, o depósito em uma área não-alagável. Em nome da agilidade, ele questiona as exigências e promete “bater o pé” para que o estado desista de algumas exigências.

Ministro (e possível candidato) novo ao Rio Grande do Sul

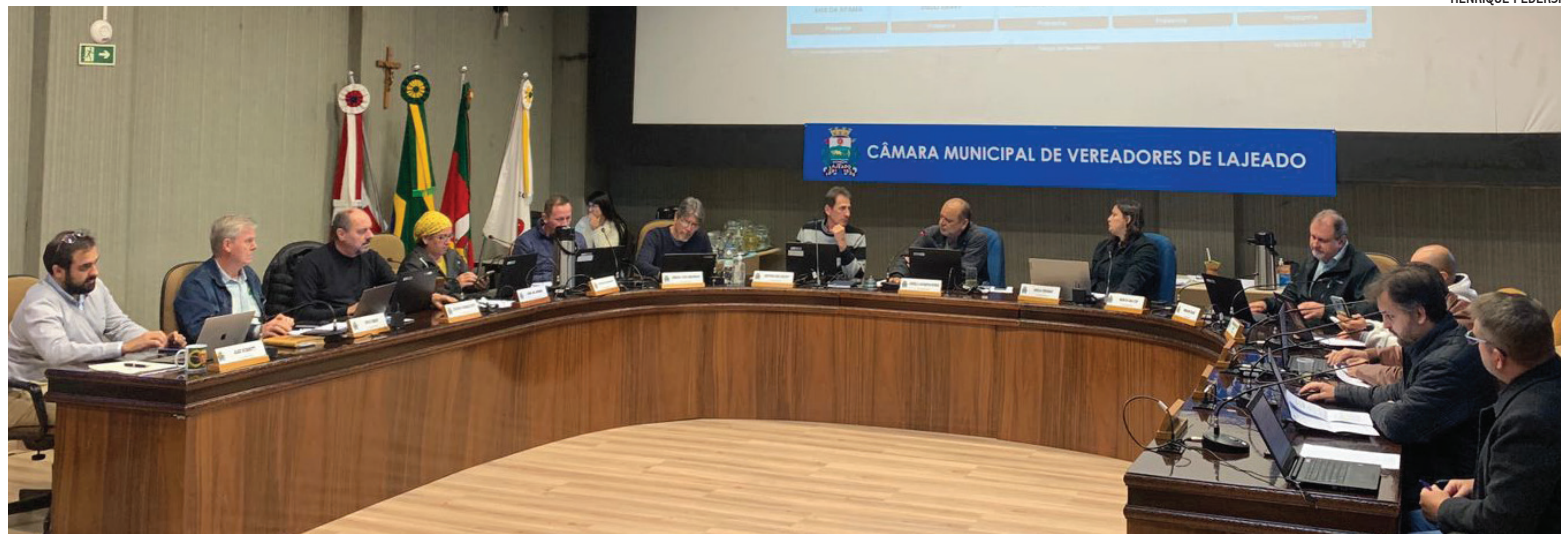
A possibilidade de Paulo Pimenta deixar a função de Ministro-Chefe da Secretaria de Comunicação (Secom) do governo federal já não era segredo para quem acompanha a política nacional. Já faz alguns meses que o gaúcho

“balançava” no estratégico cargo. Pois bem, e diante da tragédia que assola o nosso estado, o presidente Lula parece ter unido o útil ao agradável ao anunciar Pimenta como o Ministro de Reconstrução do Rio Grande do Sul. Tomara que

dê certo. Cotado para ser candidato a governador, o deputado federal licenciado terá a dura missão de coordenar a distribuição de recursos e a aplicação de políticas públicas em mais de 400 municípios gaúchos. Não será nada fácil.

POLÍTICA

Vereadores cobram investimentos para a Defesa Civil em Lajeado



HENRIQUE PEDERSINI



A única emenda que fizemos ao orçamento para 2024 foi a destinação de R\$ 550 mil para a defesa civil. A pergunta é quantos barcos a mais temos agora do que em setembro?”

CARLOS EDUARDO RANZI
VEREADOR

autoridades. Não é momento de apontar erros”.

Olhar para as empresas

Deolí Gräff (PP) elogiou o trabalho humanitário feito por voluntários e poder público, contudo pediu atenção para as empresas afetadas pela enchente. “Hoje foco é para os flagelados, mas as pessoas precisam ter o seu trabalho para se sustentar”.

O presidente Lorival Silveira (PP) reforçou a integração entre o Legislativo e o Executivo para superar o atual cenário. “Temos que estar juntos, sem olhar partido”.

Isidoro Fornari Neto (PP) solicitou que o governo retire o valor do ISSQN em todos os processos da nova ponte entre Arroio do Meio e Lajeado a ser construída. “É pouco, mas quanto mais pudermos baratear, melhor”.

Os dois projetos aprovados na sessão desta terça-feira permitem a contratação de dois monitores de creche para atender demanda das escolas municipais de Lajeado. A próxima sessão será na terça-feira, 21, a partir das 17h.

Ginásios com estrutura para abrigar flagelados, embarcações de grande porte e conhecimento técnico foram algumas das demandas elencadas na sessão desta terça-feira, 14

Em meio aos elogios e agradecimentos aos voluntários e lamentações pelas mortes e prejuízos financeiros, a estrutura da defesa civil de Lajeado pautou as manifestações de vários vereadores na sessão dessa terça-feira, 14. Entre os relatos, pedidos por locais adequados para abrigar as pessoas que saem de casa durante as catástrofes, equipamentos para os profissionais que atuam na linha de frente do serviço de prevenção e resgate foram alguns dos apontamentos feitos pelos integrantes do Legislativo.

Jones Vavá (MDB), Marquinhos

Scheffer (MDB) e Carlos Eduardo Ranzi (MDB) cobraram investimentos pelo governo municipal. “A única emenda que fizemos ao orçamento para 2024 foi a destinação de R\$ 550 mil para a defesa civil. A pergunta é quantos barcos a mais temos agora do que em setembro?”, diz Ranzi.

Vavá sugeriu a destinação de valores do município para construção da ponte entre Lajeado e Arroio do Meio. “Com todo respeito, mas não podemos depender do Badin para ter esta estrutura”.

Scheffer criticou o aumento de preços de mercadorias em estabelecimentos da cidade durante o período mais delicado



da enchente. “Preços absurdos e exigindo que se pague em dinheiro, hoje todo mundo usa cartão. Vi gente que deixou carrinho cheio em mercado e foi embora”.

Fabiano Bergmann (PP) analisa que nas construções de ginásios, é preciso considerar não apenas as necessidades para prática

esportiva ou eventos. “Um lugar ou dois que tenham capacidade para dar o atendimento adequado, receber e distribuir as doações, acolher este público”.

Heitor Hoppe (PP) avalia o assunto como importante, mas pede que o debate seja feito em outro momento. “A hora é de dar carinho inclusive para as

LOGÍSTICA

Começa travessia na passareira entre Lajeado e Arroio do Meio

Uma nova alternativa agiliza a travessia entre Lajeado e Arroio do Meio, no trecho da ERS-130. Instalada pelo Exército na terça-feira 14, uma passareira, ou passarela flutuante, permite o tráfego de pessoas na divisa dos municípios. No início da manhã dessa quarta, barcos ainda operavam no local. A passagem foi liberada por volta das 9h.

A passareira funciona 24h por dia. Guarnições do Exército permanecem no local o tempo todo. Fazem distribuição dos coletes. Cerca de 30 pessoas passam no local por minuto na estrutura que tem cerca de 80

metros de extensão.

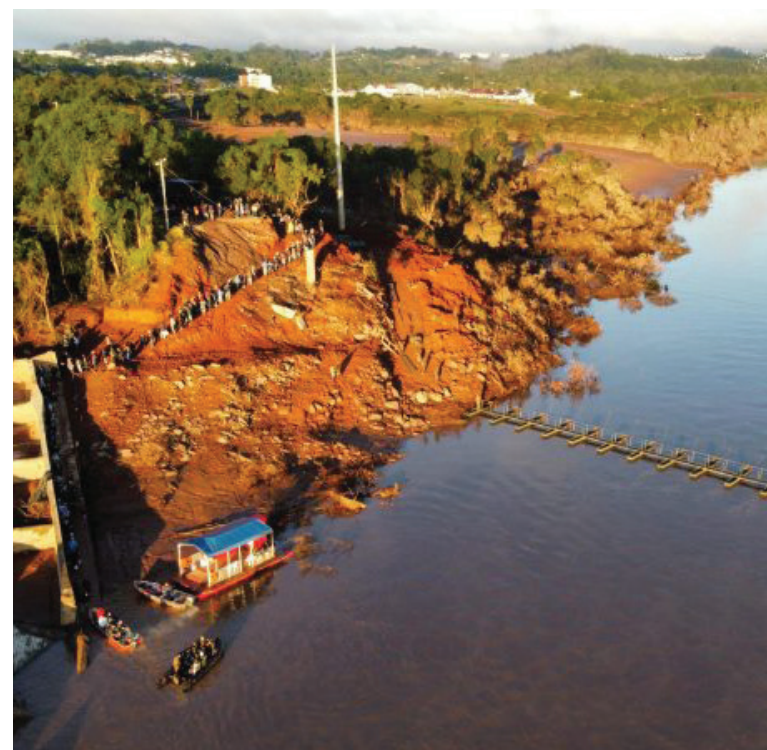
A passagem provisória liga as cidades, já que as duas pontes sobre o Rio Forqueta foram destruídas pelas cheias. Na passareira, é permitida a passagem de 45 pessoas por minuto, em um único fluxo. A interligação é feita exclusivamente para pedestres.

A estrutura é instalada na altura da água. O material veio de Santa Catarina, em módulos, e levou cerca de 40 minutos para a montagem. Até então a travessia sobre o Rio Forqueta era feita por barcos de voluntários ou botes do Exército.

Moradora de Arroio do Meio, Mara Forneck, trabalha como coordenadora pedagógica do Colégio Gustavo Adolfo, em Lajeado, e faz a travessia entre as duas cidades pelo Rio Forqueta todos os dias.

Desde o fim de semana, a travessia é feita com botes do Exército, mas Mara conta que também atravessou o rio com os barcos de voluntários. “Foi tranquilo, eles nos deixam seguros”, afirma.

Nesta semana, no entanto, com a nova cheia no Vale, ela diz que o acesso até o rio se tornou mais difícil, com muito barro nas duas margens.



LAJEADO

“Não podemos repetir os oito meses desde setembro para iniciar as obras”



O prefeito de Lajeado, Marcelo Caumo, e a vice-prefeita, Gláucia Schumacher, anunciaram em entrevista à Rádio A Hora que o município já definiu áreas para a construção de novas casas

destinadas às pessoas afetadas pelas enchentes. O projeto do programa Minha Casa Minha Vida, relativo à enchente de setembro de 2023, está pronto para ser iniciado, porém a administração municipal enfrenta um impasse para começar

as obras. Caumo afirma que existem boas perspectivas para iniciar as construções, mas os requisitos exigidos pela Caixa Econômica encarecem o processo, o que dificulta o início das obras e afasta construtoras



JÉSSICA MALLMANN

interessadas no serviço. “Não podemos permitir que se repitam os oito meses que se passaram desde setembro até agora para começar as obras”, declara Caumo. O gestor disse que já encaminhou o assunto para a Secretaria Nacional de Habitação (SNH) para discussão e que espera um retorno em breve. Na região, a iniciativa privada ligada ao segmento da construção civil demonstra interesse nas obras, o que gera otimismo no prefeito: “Toda ajuda é bem-vinda. Mas a dificuldade está em conseguir superar as barreiras do RS”, afirma. Questionado sobre a situação das pessoas cujas casas foram afetadas e, de alguma forma, não puderam retornar, seja por condenação ou outro motivo, Caumo afirmou que o município seguirá critérios de prioridade para entregar as novas

Toda ajuda é bem-vinda. Mas a dificuldade está em conseguir superar as barreiras do RS”

MARCELO CAUMO
PREFEITO DE LAJEADO

residências. Os gestores também informaram que as inscrições para o recebimento do aluguel social permanecem abertas. Os interessados devem procurar o centro montado ao lado da Assistência Social, em Lajeado, para fazer a solicitação. O valor é de R\$ 1 mil, pago pelo governo municipal, para auxiliar no custo do aluguel.

Publicação paga pela Prefeitura de Lajeado. Veiculação R\$ 1.402,50 | Criação R\$ 0,00 (Lei 10.512/2017)

Juntos, criamos uma Lajeado melhor.

Nestes quatro anos de Pacto pela Paz, milhares de pessoas estiveram conosco nessa jornada, participando de projetos de prevenção da violência e aprendendo sobre a importância do diálogo e da comunicação não violenta.

“ Poder colaborar com o Pacto Lajeado pela Paz é muito gratificante, pois, a cada projeto desenvolvido nas comunidades da cidade, a gente se depara com alguém que se qualificou através dele. Recentemente pude contribuir no programa Família na Roda e é lindo ver o empenho dos profissionais realizando o monitoramento e auxiliando no resgate das famílias. Um trabalho de casa em casa que vem reestruturando a vida em alguns bairros mais vulneráveis. **”**

Tiago Guerra – Diretor da Agência de Desenvolvimento e Inovação Local (Agil), instrutor e estúdio de Comunicação Não Violenta (CNV) e facilitador de Círculos de Construção de Paz.

Sobre o Pacto Lajeado pela Paz:

Mais de 15 mil pessoas já foram impactadas por ações do Pacto desde 2019.

Programas estimulam a convivência, o diálogo e o respeito para formar adultos melhores.

O Pacto só é possível porque conta com apoio de órgãos federais, estaduais e municipais, entidades, empresas, escolas e comunidade. Todos são importantes.

Pacto Lajeado pela Paz

@pactolajeadopelapaz

PREFEITURA DE LAJEADO

@prefeituradelajeadors

é pela paz

Q engenho de ideias

JORNAL CIDADES

A comunicação direta com os municípios do RS

Porto Alegre, quinta-feira, 16 de maio de 2024 - Nº 90 - Ano 28 - Venda avulsa: R\$ 1,00 - www.jornalcidades.com.br

CLIMA

Canoas, Esteio e Sapucaia do Sul tem 127 mil casas sem água

Liliane Moura

lilianem@jcrs.com.br

As enchentes que tiraram pessoas de casa e ainda prejudicaram serviços, em especial na Região Metropolitana, deixam 127 mil imóveis sem água nas cidades de Canoas, Esteio e Sapucaia do Sul até esta quarta-feira, de acordo com a Corsan. A expectativa é que, em Canoas, seja retomada o reabastecimento total nas áreas que não estão inundadas até sexta-feira (17). Por sua vez, em Esteio e Sapucaia do Sul, 60% dos serviços estarão restabelecidos também até o fim da semana, segundo o diretor de operações da Corsan, José João Fonseca de Jesus. São 750 profissionais que estão no reabastecimento de água nesta três cidades.

Uma das cidades mais afetadas, Canoas teve a Estação de Tratamento Rio Branco, em Canoas, completamente inundada. Por causa disso, mais de 80 mil moradores migraram para a Estação Niterói. Entre as atividades estão a implantação de adutoras nos trabalhos de remoção e conserto de bombas, quadros elétricos e outros equipamentos essenciais

ao funcionamento das estações prejudicadas pelas inundações.

A estimativa é que os serviços de reabastecimento retomem nesta sexta-feira (17), no município. Além disso, caminhões pipas espalhados pela cidade estão disponíveis para a população. Para auxiliar no abastecimento da cidade, 10 poços foram perfurados e estão conectados e prontos para distribuir água potável aos moradores, segundo o diretor da Corsan.

Em Esteio, três estações móveis de tratamento, estão sendo instaladas no terreno da Votorantim, e trabalharão com sua capacidade total neste final de semana. “Temos uma adutora de quatro quilômetro que vai de Canoas (Guarujá) até Esteio (São Sebastião Liberdade). A estimativa é que todas estão operando até domingo (19)”, comenta.

Em Sapucaia do Sul, estão sendo instalados cinco estações móveis de tratamento: três delas estão na área da Votorantim, em Esteio; uma na Gerdau e outra na Cohab da cidade. “Uma adutora de dois quilômetros estará pronta até a semana que vem. E outra começará nesta quinta-feira



CORSAN/DIVULGAÇÃO/CIDADES

Corsan trabalha com a previsão de melhora no cenário a partir de sexta-feira, com andamento das obras

e irá da Gerdau até a região central do município”, comenta o diretor da Corsan.

A estimativa é que até o dia sábado (18), 60% do município esteja reabastecido. Além disso, de

carros pipas e reservatórios estão espalhados na cidade para fornecer água potável aos moradores. “Muita coisa ficou debaixo d’água por conta da enchente. Tivemos que tirar de baixo de água os motores, secar e o

que não deu para consertar, comprar novo. E sem aeroporto e as estradas bloqueadas. Estamos com dois helicópteros da empresa que funcionam dia e noite”, comenta José João Fonseca de Jesus.

RODOVIAS

Projeto de duplicação da RSC-287 pode ser alterado em Venâncio Aires por conta dos danos na pista

Com previsão de 30 dias para finalizar o desvio de três quilômetros que está sendo construído, paralelo à RSC 287, a partir do km 61, em Venâncio Aires, a empresa Rota de Santa Maria, concessionária responsável pela administração da rodovia,

ainda não tem prazo para conserto total do trecho. A direção da empresa confirmou ao prefeito Jarbas da Rosa que estuda alterar o projeto original e de duplicação da rodovia, incluindo nos locais mais atingidos pelas enchentes, a construção de pontes secas

que possam minimizar futura ação das águas na região.

A construção de pontes secas já foi ventilada em outras oportunidades, porém sem definição por parte da equipe técnica da rodovia. O rompimento total em quatro pontos

de concreto, no entanto, mudou a convicção dos técnicos, que viram na prática a força das águas represadas naquela região.

“Ainda vamos trazer o estudo preliminar ao prefeito e o debate com a comunidade será feito. Mas é certo

que já estudamos sim a inclusão de pontes secas nesse processo de reconstrução da rodovia e não apenas na duplicação. A magnitude deste estrago nos confirma que é preciso repensar o futuro do trecho”, destacou o diretor César Cruvinel.



LAURA MALLMANN/DIVULGAÇÃO/CIDADES

Ao todo, oito equipamentos serão gerenciados pela Defesa Civil

ENERGIA

Cidades do Vale do Taquari recebem a doação de geradores dos EUA

A prefeitura de Lajeado recebeu, nesta quarta-feira (15), a doação de oito geradores de energia da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID, sigla em inglês). O município recebeu o repasse e compartilhou os equipamentos com quatro cidades atingidas pela cheia: Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Estrela e Roca Sales. Os geradores serão utilizados na resposta emergencial às populações atingidas nas enchentes.

A agência USAID trabalha junto ao município de Lajeado desde dezembro do ano passado para auxiliar no aperfeiçoamento dos protocolos de resposta a desastres naturais. Já foram realizados workshops e disponibilizados cursos

para equipes que atuam na linha de frente ao atendimento de vítimas das cheias. Agora, a agência realizou a doação dos geradores de energia. Dos oito equipamentos, Lajeado ficou com três, Cruzeiro do Sul com dois e Arroio do Meio, Estrela e Roca Sales receberam um cada.

O consultor da USAID no Brasil, Paulo José Barbosa de Souza, relembra que esteve em Lajeado após a cheia histórica de setembro e desde então trabalha para auxiliar o município. “Essa é uma ajuda do povo americano, que possibilita todo esse trabalho e essa ajuda aos municípios que foram atingidos. Essa é uma resposta ao trabalho que foi iniciado logo após as cheias de 2023.

Continuaremos com essa ajuda técnica para as cidades e a ajuda humanitária com doações de kits de limpeza, higiene e primeiros socorros” reforça Souza.

A partir da assinatura do documento de entrega, os geradores serão gerenciados pelas equipes de Defesa Civil de cada município para apoiar os processos de resposta a emergências. A vice-prefeita de Lajeado, Gláucia Schumacher, participou da cerimônia e agradeceu o repasse das doações. “A USAID nos acompanha desde o ano passado e tivemos esse novo evento adverso. Essa doação será muito importante para nós e para os municípios ao nosso redor que também foram muito afetados”, afirma a vice-prefeita.

Banco de Alimentos de Caxias do Sul bate recorde de doações após ação solidária

Quem chega no Banco de Alimentos de Caxias do Sul se depara com pilhas de caixas e pacotes de alimentos não perecíveis, separados em diversos espaços do pavilhão. A visão reconfortante é resultado da ação Sábado Solidário, que ocorreu no dia 11 de maio, e envolveu cerca de 150 voluntários e grupos parceiros, em 45 supermercados da cidade. A equipe contabilizou, depois da triagem e pesagem no início desta semana, quase 20 toneladas de alimentos arrecadados. O número é o recorde da instituição em 18 anos de atuação no município.

Foram 4.755,50 kg de arroz, 1.581 kg de feijão, 1.973,50 kg de macarrão, 3.032 litros de leite, 1.250,35 kg de biscoito; dentre outros tantos itens que entraram na soma. Os doativos já possuem destino e serão distribuídos entre as 114 entidades cadastradas e atendidas pela instituição.

A diretora da Segurança Alimentar do Banco de Alimentos local, Kalizia

Dalla Zen, explica que o trabalho da instituição não se restringe aos períodos de calamidade pública e pontua que o serviço é continuamente prestado à comunidade que necessita. A diretora ainda descreve o processo pelo qual os alimentos passam quando chegam ao banco. “A gente tem todo o cuidado, justamente com a segurança desse alimento. A gente vê se a embalagem está boa, se tá dentro do prazo de validade, consegue distribuir de uma forma correta. O lugar mais competente hoje, enquanto Município, é o Banco de Alimentos, que faz esse serviço sempre”, enfatiza.

Atualmente o Banco de Alimentos de Caxias do Sul conta uma equipe de 27 servidores. Além de atender às entidades cadastradas, com alimentos não perecíveis, frutas e legumes, água mineral, produtos de higiene e limpeza; o órgão também tem repassado doativos às cidades afetadas pelas enchentes, como Roca Sales, Canoas e Porto Alegre.



Foram arrecadados quase 20 toneladas, que irão para 114 entidades

PELOTAS - Apesar da realocação de suas operações, o atendimento do Samu continua funcionando normalmente e sem interrupções em Pelotas. O atendimento administrativo também está sendo realizado no mesmo local, garantindo a continuidade dos serviços prestados. As mudanças foram realizadas devido a possibilidade de alagamento da antiga sede, que encontra-se em área de risco. As operações das ambulâncias seguem o mesmo padrão, com uma média de 400 chamados por veículo, mensalmente, e aproximadamente 11 mil ligações mensais. O Samu atende não apenas a cidade de Pelotas, mas também os municípios da região, totalizando uma população de aproximadamente 600 mil pessoas. As ligações para o Samu continuam sendo recebidas pelo número 192. Além disso, foram disponibilizados dois números de celular para algumas operadoras, permitindo que a população entre em contato em casos de dificuldade de acesso ao número principal.

Diques e casas de bombas são consertados em São Leopoldo

PREFEITURA DE SÃO LEOPOLDO/DIVULGAÇÃO/CIDADES



Reparos emergenciais são feitos em várias frentes para tentar ajudar no escoamento da água na cidade

As equipes do Consórcio Nova Via, responsável pelas obras da BR-116, e da Construsinos, seguem realizando o reparo emergencial dos diques de contenção contra cheias em duas frentes de trabalho em São Leopoldo, no Vale do Sinos. O consórcio atua na recomposição do dique do Arroio da João Corrêa, ao lado da Casa de Bombas do bairro Vicentina. A Construsinos restaura o dique do Arroio Gauchinho, na Vila Brás, próximo à Casa de Bombas da Santo Afonso, divisa com Novo Hamburgo.

A intervenção mais avançada ocorre no dique da Vila Brás. A colocação das pedras ultrapassou o centro do estreito do Arroio Gauchinho. “O que estamos fazendo é uma ensecadeira (para represar parcialmente o arroio), que também serve de proteção ao grosso das águas. Uma vez terminado, iniciaremos, após a

diminuição das águas, a construção do verdadeiro dique de contenção”, afirma Antonio Geske, diretor do Sistema de Proteção Contra Cheias da Secretaria do Meio Ambiente.

Na quinta-feira (16), deve ser concluído o maciço de pedra sobre o Arroio Gauchinho. No dique do Arroio da João Corrêa, o Consórcio Nova Via também realiza a colocação dos rachões, com previsão de finalizar o maciço de pedra ainda nesta quinta, dependendo das condições climáticas.

Sobre as casas de bombas, o Sema, responsável pelo serviço de água e esgoto na cidade, conseguiu religar uma das três bombas da casa de bombas do Ginásio nesta quarta (15). As outras duas bombas estão em manutenção. Na Casa de Bombas da Rodoviária, duas bombas estão operando normalmente.

Também foi ligada uma bomba submersa na casa de bombas da Campina, para efetuar a drenagem e tentar restabelecer o funcionamento das bombas fixas. No Arroio Cerquinha, duas bombas submersas estão retirando a água acumulada no Jardim Fênix. A finalidade é acessar a casa de bombas para realizar o reparo dos equipamentos. Uma outra bomba submersa deve ser instalada na empresa Dalleção para drenagem da água, uma vez que o transbordo tem atingido as laterais da BR-116, próximo a ponte sobre o Rio dos Sinos.

O funcionamento da casa de bombas da João Corrêa depende do trabalho realizado no dique. O Sema acessou o local para retirada das bombas e dos motores para manutenção. A operação ocorreu com o auxílio de mergulhadores.

INFRAESTRUTURA

Ponte flutuante entre Arroio do Meio e Lajeado entra em operação

Foi liberada nesta quarta-feira (15) a nova travessia entre Arroio do Meio e Lajeado, no Vale do Taquari. Instalada pelo Exército, a passarela flutuante permite o tráfego de pessoas na divisa dos municípios. O equipamento funcionará 24h por dia e terá o apoio do Exército que permanecerá no local, fazendo a distribuição de coletes salva-vidas.

Com 80 metros de extensão, a estrutura permite a passagem de 45 pessoas por minuto, em um único fluxo. Até então, a travessia sobre o rio Forqueta era feita por barcos de voluntários ou botes do Exército.

A ligação entre os municípios de Arroio do Meio e Lajeado foi

prejudicada com a queda das duas pontes vitais: a Ponte de Ferro e a da ERS-130, sobre o rio Forqueta. Dessa forma, além de Arroio do Meio, outros municípios da região estão isolados e

impossibilitados de transportar pessoas para os hospitais, assim como a produção de grãos, suínos, aves, leite e o abastecimento de medicamentos e alimentos.

PREFEITURA DE ARROIO DO MEIO/DIVULGAÇÃO/CIDADES



Estrutura vai funcionar 24h por dia para o trânsito de pedestres

Editora Jornalística Jarros Ltda.

Editor-chefe: João Dienstmann

Telefone: (51) 3213-1376

e-mail: redacao@jornalcidades.com.br

Informações e Anúncios

Responsável pelos editais de licitação: Kamila Rosa

Telefone: (51) 3213-1395

e-mail: jornalcidades@jornalcidades.com.br

Rua Olavo Bilac, 435 - CEP 90040-310 - Porto Alegre - RS

As opiniões das colunas e artigos publicados pelo Jornal Cidades não correspondem, necessariamente, à linha do jornal, sendo responsabilidade dos autores.

IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO: Empresa Jornalística J. C. Jarros



ZH
ZERO HORA

NOVA PASSAGEM

Construída pelo Exército, a passarela flutuante servirá para que pedestres atravessem o Rio Forqueta, entre Lajeado e Arroio do Meio. A ponte que liga os dois municípios foi levada pela enxurrada.

QUINTA, 16 MAIO 2024 - PORTO ALEGRE - ANO 61 - Nº 20.989 - R\$6,00 - PRODUTO A R\$1,78 | PIS E COFINS R\$ 0,22 - IC: R\$7,00



TULIO MILMAN

Após resgates, maior desafio será o das moradias | 4



MARTA SFREDO

Estudo mostra vulnerabilidade de cidades ao clima | 20



GISELE LOEBLEIN

Cavalo Caramelo vira camiseta para ajudar vítimas | 23



CARPINEJAR

Doações podem prejudicar o comércio? | 31

Lula anuncia bônus de R\$ 5,1 mil e compra de moradias para atingidos

Presidente esteve em São Leopoldo ontem, na terceira visita ao RS desde o início do desastre climático. O Auxílio Reconstrução será pago via Pix a quem teve danos e deve beneficiar 200 mil famílias. Haverá cruzamento do endereço informado com as áreas alagadas. Para os que perderam tudo, é prevista aquisição de imóveis.

ROSANE DE OLIVEIRA

Plano é ambicioso e precisa decolar

CONGRESSO APROVA PROJETO QUE SUSPENDE DÍVIDA DO RS COM A UNIÃO POR TRÊS ANOS

Estado deixará de enviar R\$ 11 bilhões a Brasília no período. Cita ir para um fundo destinado a financiar ações de enfrentamento à calamidade pública.

COM O SALGADO FILHO FECHADO, SAIBA COMO AS COMPANHIAS AÉREAS ESTÃO OPERANDO

Passageiros que tinham viagens saindo ou chegando da Capital não devem ter custo adicional para alterar bilhetes, diz associação de agências de viagens.

APÓS 12 DIAS PARADA, A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO MOINHOS DE VENTO É RELIGADA PELO DMAE

Unidade serve a 21 bairros da Capital. Prefeitura diz que haverá operação reduzida por causa da turbidez da água, atrasando o abastecimento completo.

CBF ACATA OPINIÃO DA MAIORIA DOS CLUBES E SUSPENDE BRASILEIRÃO POR DUAS RODADAS

Por causa da tragédia, jogos de Grêmio, Inter e Juventude já haviam sido adiados. Agora, todas as partidas do campeonato só voltam a ser disputadas em junho.

TRAGÉDIA NO RS

Passarela flutuante no Rio Forqueta volta a ligar Lajeado a Arroio do Meio

Estrutura montada pelo Exército tem capacidade para permitir a passagem de 30 pessoas por minuto, em sentido único

GUILHERME MIZUNARI

guilherme.mizunari@igpaucho.com.br

Foi liberada, na manhã de ontem, a passarela flutuante entre Lajeado e Arroio do Meio, no Vale do Taquari. A ponte na RS-130 que ligava os dois municípios foi destruída pela chuva das últimas semanas.

A estrutura possibilita que pedestres consigam ir de uma cidade para a outra. Desde o colapso da antiga ligação, isso só era possível de barco.

A passagem, montada na noite de terça-feira pelo Exército, é formada por estruturas flutuantes feitas de alumínio, que ficam sobre a água do Rio Forqueta e seguram a esteira que serve de passarela. Cordas foram colocadas de cada lado para que os pedestres possam se segurar.

Mesmo sendo um deslocamento seguro, que pode ser feito em menos de um minuto, militares exigem o uso de coletes para passar pelo rio.



Estrutura facilita travessia entre as duas cidades, que após queda de ponte na RS-130 era feita apenas de barco

Fluxo

O Exército trabalha com uma capacidade de 30 pessoas por minuto, mas a passagem ocorre apenas em sentido único. Por isso, é necessário aguardar o fluxo de pedestres de um lado para poder atravessar na direção oposta.

A sensação é muito boa. Precisa que Arroio do Meio lá ficar ilhado para sempre. Tirando um pouquinho da lama, o restante é bem tranquilo – celebrou a professora Verônica da Silva, moradora de Arroio do Meio e que trabalha em Lajeado.

A passarela tinha previsto para ser feita na última semana, mas foi postergada em razão da nova enchente. Ainda não há estimativa para que a ponte para carros seja refeita. Para fazer a travessia, moradores precisam se deslocar até o ponto em que há bloqueio para, então, caminhar até o barranco que dá acesso à plataforma.

Moradores de Cruzeiro do Sul não sabem por onde começar a reconstrução do município. A cidade, assim como outras do Vale do Taquari, foi fortemente atingida pelas duas enchentes das últimas semanas, principalmente a do dia 1º de maio. A segunda foi no final de semana passada, com pico na segunda-feira.

O município, de 12.402 habitantes, é o que registra o maior número de mortes na região: são 11, segundo a Defesa Civil do Estado. Outras 17 pessoas estão desparecidas. A prefeitura estima que 50% da população está fora de casa, sendo 5,7 mil deslocadas e 448 desabrigadas.

O bairro mais atingido é o Passo de Estrela, onde a maioria das casas foi destruída. Nelson Xavier era a única pessoa que circulava na região na manhã de ontem. Sua moradia é uma das poucas que não foi demolida



Nelson Xavier não quis ingressar na sua residência

pela força da água. Já na sua pequena indústria de artefatos de cimento, só sobrou parte das estruturas metálicas.

– A gente vem pra cá para olhar o resto que sobrou, porque não tem muita coisa para fazer. Tanta coisa que a gente tinha, e agora é

só olhar e imaginar o que a gente pode fazer mais tarde – lamentou.

A prefeitura acredita que não será possível reconstruir as residências do bairro. O Ministério Público gaúcho tem atuado junto aos municípios do Vale do Taquari para que não sejam feitas novas

residências em áreas ribeirinhas.

A área industrial da cidade não chegou a ser destruída, mas foi alagada. A baixa circulação de pessoas tem dificultado o funcionamento das lojas. Durante 15 dias, não havia farmácias nem supermercados abertos. Conforme a prefeitura, 95% do comércio foi atingido.

O presidente da Associação da Indústria e Comércio de Cruzeiro do Sul (Acics), Ricardo Felipe Schneider, afirmou que, depois da enchente do início do mês, a expectativa era de que 30% dos comércios fechassem as portas. Após a nova cheia, estima-se que essa será a quantidade de estabelecimentos que irão conseguir reabrir.

– Não tem mais gente na cidade. As que permanecem, estão desalojadas ou desabrigadas, não estão consumindo. Que motivação tem o lojista para abrir? – questiona.